

## **O FOLCLORE COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA CIDADE DE MACAPÁ/AP.**

GILBERTO SANTIAGO FERREIRA

Mestrado em Ciência da Motricidade Humana - UCB - Rio de Janeiro – RJ - Brasil  
prof.gilberto.edf@hotmail.com

RONÉDIA MONTEIRO BOSQUE  
ronediab@yahoo.com.br

Mestrado em Ciência da Motricidade Humana - UCB - Rio de Janeiro – RJ - Brasil  
ANGELO LUIS DE SOUZA VARGAS  
angelo.vargas@uol.com.br

Universidade Castelo Branco – PROCIMH - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

### **INTRODUÇÃO**

A aplicação do folclore no contexto escolar foi discutida oficialmente pela primeira vez no Congresso Internacional de Folclore realizado em Paris na França no ano de 1936 onde o tema “Folclore e Educação” apareceu como a grande novidade a ser debatida pelos especialistas. Além do Congresso de Paris vários outros foram realizados com o objetivo de desencadear ações que salvaguardassem a cultura folclórica, e o Brasil se destacou por ser um dos pioneiros a por em prática as recomendações desses eventos. Isso pôde ser comprovado pelas várias realizações nesse sentido dentre as quais destacamos: a) instalação em 1946 do Instituto Brasileiro de Educação, Ciências e Cultura, constituído de várias comissões, dentre as quais a Comissão Nacional de Folclore (CNF); b) realização do I Congresso Brasileiro de Folclore em 1951 na cidade do Rio de Janeiro e dos demais que o sucederam; c) criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB) através de Decreto Federal de fevereiro de 1959 – desde 1980 a CDFB transformou-se em Instituto Nacional do Folclore –; d) a oficialização do dia 22 de agosto como “Dia Nacional do Folclore” através do Decreto N°56.747 de 17 de agosto de 1965 (FERNANDES, 2003; LIMA, 2003; RIBEIRO, 1982).

O VIII Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no mês de dezembro de 1995 em Salvador na Bahia, teve como principal objetivo a releitura da CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO, criada em 1951, por ocasião do I Congresso Brasileiro de Folclore. O capítulo III da Carta é destinado exclusivamente à questão do Folclore e Educação com várias recomendações apresentadas no sentido de potencializar o aproveitamento das manifestações folclóricas no âmbito educacional.

Apesar de tantas iniciativas, notamos a utilização do folclore no ambiente escolar de maneira descontextualizada, resumindo-se apenas às comemorações das festas juninas e o “Dia Nacional do Folclore”. Segala (2000, p.66), alerta que o folclore/cultura popular na escola normalmente “é trabalhado a partir da simples difusão de dados já compilados e didatizados, em detrimento da pesquisa, da descoberta, do uso das linguagens expressivas”.

Segundo Fernandes (2003) “no âmbito escolar sabe-se dos equívocos cometidos pelos professores de várias disciplinas quando se trata de pesquisas folclóricas nas escolas”. Transformando uma atividade prazerosa e educativa em ação desinteressante e sem sentido, o que só contribui para a desvalorização do folclore por parte dos educandos. Esses equívocos são relatados na literatura em estudos relacionados à aplicação do folclore na educação que demonstram que a cultura popular ainda é tratada como algo de valor menor em relação aos conhecimentos sistematizados (BRANDÃO, 1982; CORTÊS, 2007; SOUZA, 2007).

Na Educação Física Escolar (EFE) os estudos voltados especificamente para as temáticas relacionadas à cultura popular, como o emprego do folclore como conteúdo ou estratégia da disciplina, ainda são em número reduzido quando comparados com as publicações de campos do conhecimento como, por exemplo, o lazer, a fisiologia e os esportes, apresentados nos congressos e eventos científicos. Conforme Darido (2003) a articulação de várias teorias dos campos sociológicos, psicológicos e filosóficos contribuíram para o avanço da reflexão e ação

da EFE no sentido de se aproximar das ciências humanas. Entretanto isso não significou um rompimento total com as práticas ligadas ao modelo esportivo, biológico e recreacionista que ainda permeiam e são valorizados pela intervenção pedagógica da disciplina. Provavelmente isso contribua com a tímida produção científica direcionada aos aspectos sócio-culturais, principalmente as que apresentam propostas sistematizadas para a abordagem do folclore nas aulas de EFE como a de FREIRE e SCAGLIA (2003).

Vários autores (COLETIVO DE AUTORES, 1982; DAOLIO, 1995; FREIRE, 1999; KUNZ, 1994; TOLEDO, 2006) inferem sobre a importância do emprego das manifestações oriundas das vivências populares tais como: os jogos tradicionais, a dança, as cantigas e rodas cantadas no contexto da EFE, apontando para seus benefícios no domínio motor, cognitivo, afetivo e social, além de contribuírem para a valorização dos elementos que compõem a das identidades.

Todo esse cenário apresenta-se paradoxal se levarmos em consideração a imensa heterogeneidade cultural de nosso país, em especial da Amazônia, que além da diversidade historicamente construída por conta das várias etnias indígenas existentes em seu território, contou também com contingente de escravos que mesmos em número reduzido se comparado com o utilizado nas regiões nordeste e sudeste, encontrou facilidade para a fuga devido às dificuldades ambientais para sua captura e acabou por se estabelecer em vários pontos da região e, finalmente conta ainda com as migrações oriundas dos grandes projetos e pela exploração dos seus recursos naturais.

Nesse contexto o Estado do Amapá que passou a essa condição há apenas 21 anos, vem sendo alvo de fluxo migratório intenso devido aos projetos que se estabeleceram em seus domínios e principalmente aos concursos públicos que oferecem média salarial acima das praticadas por grande parte dos demais estados do Brasil. Esses fatos somados as inúmeras manifestações populares ainda desconhecidas em nosso país podem vir a constituir um grande repertório de atividades possíveis de serem aplicadas na EFE, através do intercâmbio cultural possível de ser efetivado.

Neste sentido este artigo tem como principal objetivo verificar se o folclore/cultura popular esta sendo abordado nas aulas de EFE no sistema de ensino da cidade de Macapá.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

A pesquisa caracterizou-se como de campo de cunho descritivo que segundo Gil (2003) primordialmente descreve as características de determinadas populações ou fenômenos tendo como uma de suas características a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. O estudo foi realizado com professores de Educação Física da rede estadual de ensino da cidade de Macapá durante o primeiro semestre de 2009. O instrumento utilizado foi um questionário semi-estruturado contendo cinco questões. Foram distribuídos diretamente 80 questionários, sendo que obtivemos o retorno de 73. A amostra não probabilística intencional por voluntariado foi composta por 71 professores, 02 ficaram de fora, pois utilizamos como ponto de corte os professores que não possuísem a licenciatura plena. As questões com alternativas somente objetivas (3) tiveram suas respostas agrupadas e tabuladas com o objetivo de nos fornecer a caracterização dos sujeitos. Já as questões que além da resposta objetiva necessitavam de justificativas (2) foram organizadas de forma a construirmos uma representação que permitisse uma análise temática.

## **RESULTADOS**

A partir da sistematização dos dados relacionados às questões objetivas foi possível obtermos a seguinte caracterização dos sujeitos: 53,3% dos professores possuem especialização. Quanto ao tempo de formação 43,3% possuem de 01 a 05 anos, 37% de 6 a 10 anos, 6,7% de 11 a 15 anos e 13% acima de 15 anos de formação. No que diz respeito a atuação docente 30% atuam de 1ª a 4ª séries, 50% atuam de 5ª a 8ª séries e 20% no ensino médio.

Em relação a importância do folclore e sua utilização nas aulas Educação Física 86,1% acham muito importante, 9,7% acham pouco importante, 4,2% não acham importante. Segundo a

justificativa solicitada na questão os professores que julgam muito importante a utilização das manifestações populares na EFE quase que unanimemente apontaram para uma temática: A valorização da cultura nacional como principal fator de nível de importância.

No Brasil a preocupação com valorização do que é “nacional” não é nova desde os primeiros estudos sobre as manifestações populares já havia por parte dos pesquisadores em “registrar antes que acabe” como assim conclamavam com receio da expansão dos meios de comunicação então representados pelos jornais e rádios (AYALA e AYALA, 2006).

No contexto Amazônico essa apreensão em valorizar a cultura popular vem se expandindo devido aos efeitos da globalização que influenciam diretamente nos usos e costumes do povo. Mais do que influenciar e em alguns casos eliminar os localismos ela acaba por isolar as manifestações folclóricas deixando-as distante especialmente do ambiente escolar. Logo a preocupação dos professores se justifica, pois é na escola que as possibilidades de contato com as expressões se ampliam através de ações que priorizem a valorização da cultura local.

Na questão que arguia se o folclore é utilizado como estratégia ou conteúdo de suas aulas, obtivemos que 31% responderam que sim e 69% não.

Na justificativa daqueles que responderam sim foi solicitado que indicassem quais manifestações folclóricas são mais utilizadas por eles. Assim obtivemos a incidência de dois temas: a) Danças e b) Jogos tradicionais. Isso vai ao encontro das sugestões de documentos oficiais e de estudos de alguns autores quando se referem aos elementos populares que mais se aproximam da disciplina Educação Física na escola. (PCNs, 1997; TOLEDO, 2006; SOUZA, 2007).

Em relação aos que responderam não as temáticas presentes foram: A) Não se sentem seguros para abordar o tema em suas aulas B) Na graduação o tema foi abordado de forma superficial C) Nunca participaram de cursos ou oficinas sobre folclore e Educação Física.

A) Não se sentem seguros para abordar o tema em suas aulas.

B) Na graduação o tema foi abordado de forma superficial.

Primeiramente notamos certa contradição por parte dos professores que em sua maioria declararam na questão anterior achar muito importante a aplicação do folclore nas aulas de Educação Física e, no entanto o maior percentual deles não o utiliza como conteúdo ou estratégia de ensino. Garcia (2004), já chamava a atenção no sentido de refletirmos se o valor educativo do folclore realmente tem sido suficientemente aproveitado pela escola, servindo como base para a construção do conhecimento tanto de educadores como de educandos. Outro estudo de Cortês (1998) também destaca a pouca utilização do folclore na escola. O ambiente escolar apresenta-se como um espaço excepcional para o contato dos educandos com a cultura em geral, mas infelizmente as iniciativas neste sentido ainda são tímidas.

As escolas precisam se constituir como espaços públicos privilegiados de cultura, de forma a permitir a vivência coletiva, a recriação e a expressão da cultura. Para tanto, não apenas precisam abrir-se como espaço cultural da comunidade, articulando-se com a produção cultural da cidade, mas também precisam assegurar que essa abertura se materialize e se expresse no seu currículo, garantindo que a totalidade da experiência escolar passe a ser cultural (Castro & Baptista, 1999-2000, p.23).

As temáticas A e B acabam por se aproximarem no sentido de que a insegurança alegada pelos professores está diretamente ligada a superficialidade com que o folclore é abordado na graduação. Nesse sentido podemos citar o estudo de Roberto (2007) quando chama a atenção para o fato de que Universidade ainda é um ambiente estranho à cultura popular. A mesma quando é abordada em disciplinas de alguns cursos é impregnada de exotismo a partir de um olhar antropológico, sociológico ou psicológico que acabam por se preocupar em distanciá-la para uma análise isenta, do que a busca de uma vivência real.

Isso se reflete diretamente na prática docente, pois quando o professor se depara com o desafio de abordar temas relacionados aos conhecimentos do povo encontra grande

dificuldade na sistematização dos mesmos. Logo as ações docentes tornam-se sem significado para o processo de ensino-aprendizagem.

C) Nunca participou de cursos ou oficinas sobre folclore e Educação Física.

Essa temática diz respeito diretamente às políticas públicas de formação continuada que no Brasil apesar de ser incentivada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), na prática pouco acontece. E quando isso ocorre geralmente o planejamento é realizado por técnicos das Secretárias de Educação sem contar com a participação dos docentes. Em estudo realizado na Rede Pública Municipal de Porto Alegre Molina Neto indica que:

O aspecto, que talvez mereça maior atenção parece ser a reivindicação dos professores por uma participação mais efetiva na construção de uma política de formação permanente, assim como uma valorização maior da escola como espaço de formação, onde suas práticas pedagógicas possam ser tomadas como referência inicial para reflexões e possíveis transformações. (2000, pág.25).

No Amapá a Secretaria Estadual da Educação iniciou em 2006 uma formação continuada que tinha como principal objetivo a formulação da proposta curricular para a Educação Física Escolar no Estado, mas infelizmente os resultados dos encontros não foram ainda apresentados devido à falta de continuidade dos trabalhos, justificada pelas autoridades pela ausência de verbas. Esse fato nos trás grande preocupação, pois, corre-se o risco de todo o esforço realizado pelos professores cair no esquecimento. Devemos refletir sobre essa descontinuidade que prejudica o processo de construção das políticas públicas – e não as de governo – que podem contribuir para melhoria da educação no nosso país. Se não só confirmarmos que a formação continuada no Brasil "caracteriza-se pelo eterno recomeçar em que a história é negada e os saberes são desqualificados [...]" (COLLARES; MOYSES & GERALDI, 1999: 212).

## CONCLUSÃO

A coexistência entre o moderno e o tradicional é um dos grandes desafios para a sociedade atual. Nesse aspecto a escola apresenta-se como uma das instituições onde essa temática deve ser abordada de forma ampla, pois os educandos por estarem em processo de formação são os mais atingidos pelas mudanças constantes e rápidas, características das sociedades modernas.

As manifestações populares - como foi comprovado neste estudo – ainda encontram-se distante do contexto escolar. E quando são abordadas, geralmente ficam no campo do conhecimento de menor valor, perdendo os verdadeiros significados construídos historicamente pelo saber do povo.

Os PCNs (1998) apresentam o folclore inserido na temática pluralidade cultural no documento que versa sobre os temas transversais, que assim são denominados pelo fato de permearem várias áreas do conhecimento. Entretanto pela natureza da disciplina a Educação Física é a que oferece maior possibilidade para que os alunos vivenciem no espaço escolar os elementos que compõem a cultura popular.

Para que haja uma efetiva valorização dos fatos folclóricos na escola é necessário que os cursos de graduação subsidiem os futuros profissionais com informações mais aprofundadas e que garantam uma intervenção segura e significativa. Além disso, torna-se imprescindível o desenvolvimento de uma política de formação continuada que vá ao encontro das necessidades dos docentes em relação a esse campo do conhecimento.

A cultura popular na escola acima de tudo representa uma forma de resistência a interferência que a cultura de massa exerce no cotidiano de todos nós. Não é possível que algumas escolas comemorem o *Halloweem*, e não consigam desenvolver projetos voltados para os fatos regionais. Mais do que transversal o conhecimento do folclore é fundamental para que nossos alunos possam compreender e valorizar a cultura nacional, em especial, aqueles que vivem

nos tumultuados centros urbanos que distanciam os jovens dos valores presentes na sabedoria popular.

**PALAVRAS CHAVE: Folclore, cultura popular e Educação Física.**

## **REFERÊNCIAS**

AYALA, M.; AYALA, M. I.N. **Cultura popular no Brasil**. 2º Ed. São Paulo: Ática, 2006.

BRANDÃO, C. R. **O que é folclore?**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MESC/SEF, 1997.

CASTRO, M. C. P. S.; BAPTISTA, M. C. Escola Plural: direito a ter direitos. In: PREFEITURA MUNICIPAL. BELO HORIZONTE. **Escola Plural e a constituinte escolar – o direito a ter direitos**: Subsídios para a discussão. Cad.2. Belo Horizonte: PBH, abr.1999/jun.2000.

COLLARES, C. A. L; MOYSÉS, M. A. A; GERALDI, J. W. **Educação continuada**: a política da descontinuidade. Educação e Sociedade, Campinas, SP, ano 20, n. 68, dez. 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CÔRTEZ, G. P. **A Educação Física, folclore e a escola: qual a relação?** Apresentação oral realizada na I Convenção das Escolas de Educação Física de Minas Gerais. Belo Horizonte: EEEFTO/UFMG, 1998.

DAOLIO, J. Da cultura do corpo. Campinas: Papirus, 1995.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FERNANDES, F. **O Folclore em questão**. 2º Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, J. B. **Educação de Corpo Inteiro**: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1994.

GARCIA, R. M. P. C. **A cultura popular no contexto da educação física**. Revista Prata da Casa, Maranhão, v. 7, p. 137-143, 2000.

GIL, A. C. **Como classificar pesquisas?** In: Como elaborar projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1998.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Unijuí, 1994.

LIMA, R.T. **Abecê de folclore.** 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigações no âmbito da Educação Física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A pesquisa qualitativa em educação física: alternativas metodológicas.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina. 2004.

RIBEIRO, M. L. B. **O folclore na escola.** Cadernos de folclore, MEC-FUNARTE, 1976.

ROBERTO, F. W. Contribuições da animação cultural para a formação em educação física – uma proposta curricular transdisciplinar na EEFD-UFRJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 13., 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Comissão Cearense de Folclore, 2007.1 CD-ROM.

SEGALA, L. A troça, a traça e o forrobodó: folclore e cultura popular na escola. In: GARCIA, R. L. (Org.). **Múltiplas linguagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, p.61-76, 2000.

SOUZA, P. M. P. A importância do folclore como conteúdo nas aulas de educação física escolar do ensino fundamental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, 13., 2007, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Comissão Cearense de Folclore, 2007.1 CD-ROM.

TOLEDO, E. O folclore na escola: um esquecido, porém precioso, conteúdo da educação física. In: MOREIRA, E. C. (Org.). **Educação física escolar: desafios e propostas 2.** São Paulo: Fontoura Editora, 2006. p. 61-86.

Endereço do autor principal:

Av. dos Guaranis, 187 – Beiril – CEP: 68.902-160 Macapá/AP

Telefone: 96 3243-1444

prof.gilberto.edf@hotmail.com